

Fatos novos favorecem renegociação da dívida

Dívida externa

Edson Gês 05.08.91

O Governo está prevendo lances favoráveis ao Brasil na renegociação da dívida com os bancos estrangeiros assim que os dois lados voltarem à mesa para mais uma rodada de discussões. Fontes da equipe econômica disseram ontem que a queda da Libor, atualmente por volta de 4,125% ao ano, o início das negociações da Argentina com os bancos e a provável retomada das conversas do Brasil com o Clube de Paris levarão os bancos a ter mais pressa de fechar um acordo.

Esta é a síntese da avaliação a que chegaram o ministro da Economia, Márcilio Marques Moreira, e o negociador da dívida, Pedro Malan, durante os encontros que mantiveram na semana passada. Depois de seis dias no Brasil, Malan voou para a Europa no domingo e segunda-feira acompanhou o presidente do Banco Central, Francisco Gros, e o diretor de Assuntos Internacionais do BC, Arminio Fraga, numa conversa informal com o presidente do Clube de Paris, Jean Claude Trichet, na capital francesa.

Empecilhos

Malan só aguarda agora o sinal verde do Fundo Monetário Internacional (FMI) ao programa brasileiro para reiniciar as conversas com os bancos, o que pode ser feito a partir do dia 27. No reinício formal das negociações, que estão sempre ocorrendo nos bastidores, caberá ao Brasil fazer os primeiros movimentos, já que foram os bancos a apresentar a última contraproposta, em meados de dezembro.

Conforme assinalaram as fon-

tes, o ambiente internacional é favorável ao Brasil. Em primeiro lugar, porque a Libor, taxa de juros que será aplicada aos contratos da renegociação, está bem abaixo da sua média histórica, de 9%. Sendo assim, o Brasil pôde reduzir os juros de um dos bônus de sua proposta de 4,8% para um nível ainda superior a 4,125%, o que é bom para os bancos e não seria ruim para o Brasil, pois a Libor tenderia subir no longo prazo. O Brasil está prometendo pagar a dívida em 30 anos.

Mas há outros ventos favoráveis. Caso o programa brasileiro seja aprovado pelo Fundo, com déficit da Previdência e tudo, o Clube de Paris vai voltar a negociar com o Brasil o que, na avaliação dos informantes, diminuirá o potencial de recursos do Brasil para pagamento aos bancos. Além disso, os bancos temem ficar enfraquecidos ao negociar com dois países ao mesmo tempo e já estariam aguardando com apreensão a entrada da Argentina em cena. Em boa fase econômica e apoiados pelo Fundo, os argentinos devem entregar sua proposta aos bancos no final de janeiro.

O maior empecilho ao acordo dos bancos com o Brasil são garantias dos bônus. O Brasil se dispôs a oferecer garantias no valor de US\$ 2,1 bilhões enquanto os bancos querem algo entre US\$ 3,5 a US\$ 5 bilhões. Segundo uma fonte credenciada, nas últimas rodadas, o Brasil abriu mão de oferecer garantias unicamente para o principal da dívida.



Gros inicia ofensiva brasileira